

POR QUE O  
EMPODERAMENTO DAS  
MULHERES NEGRAS CAUSA  
MEDO?

WHY DOES BLACK WOMEN'S  
EMPOWERMENT CAUSE FEAR?

¿POR QUÉ EL EMPODERAMIENTO  
DE LAS MUJERES NEGRAS CAUSA  
MIEDO?

Débora Bianco Lima Garbi<sup>1</sup>  
Keruska Cabral dos Santos<sup>2</sup>  
Laís Karla da Silva Barreto<sup>3</sup>  
Giuliani Paulineli Garbi<sup>4</sup>

Livro: RIBEIRO, Djamilá. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018, 120 páginas, ISBN: 8535931139.

Recebido em: 01.06.2019. Aceito em: 09.09.2019. Publicado em: 01.10.2019.

---

<sup>1</sup> Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais (2015), sou Psicóloga (2017) e Comunicóloga- com habilitação em Jornalismo (2008). E-mail: [de.bianco.garbi@gmail.com](mailto:de.bianco.garbi@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em Produção Audiovisual- Universidade Potiguar. E-mail: [keruskasantos@gmail.com](mailto:keruskasantos@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Estudos da Linguagem- Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [laisbarreto@gmail.com](mailto:laisbarreto@gmail.com).

<sup>4</sup> Doutor em Tecnologias- INPE. E-mail: [giuliani.garbi@gmail.com](mailto:giuliani.garbi@gmail.com).

Djamila, cujo nome completo é Djamila Taís Ribeiro dos Santos (Santos, 1 de agosto de 1980) é filósofa, feminista e acadêmica brasileira. Pesquisadora e mestra em filosofia política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), tornou-se conhecida no país por seu ativismo na internet, mas sua voz faz-se presente para muito além das redes sociais.

Antes deste ensaio autobiográfico, já em “O que é lugar de fala”-publicado pela editora “Feminismos Plurais” no ano de 2017, ela já havia deslocado nosso senso comum e nos convidado a refletir acerca da importância de se pensar no rompimento de uma voz única, com o objetivo de propiciar uma multiplicidade de vozes que foram silenciadas ao longo dos anos e que agora se faz presente. Ou seja, dar voz a quem de fato pode dizer sobre suas dores, seus amores e, portanto, seu lugar: as mulheres negras.

Mas, voltemos ao livro central desta resenha. Justamente por ser autobiográfico, composto por textos curtos e diretos, assim como o feminismo deve ser, Djamila é imensamente “feliz” em tratar a temática de forma “leve” e simples- mas não simplista, e aproxima seu/sua leitor/a a um universo ainda muito complexo e nebuloso para muitos/as negros/as: o empoderamento da mulher negra.

Ainda sobre a evocação de uma voz “única” que ecoa, já logo no texto de abertura, quase que como um “soco no estômago” em nós, leitores, ela recupera memórias de seus anos de infância e adolescência para discutir o que chama de “silenciamento”, ou processo de apagamento da personalidade negra.

Indigesto por certos momentos, por meio do encontro com o “real” da vida de uma criança negra, de maneira sublime e totalmente generosa, ela divide conosco memórias de sua infância na casa da “vó Antônia”, benzedeira e responsável por fazer com que ela perdesse as dores da inadequação quando

estava em sua companhia. Diante de tanta verdade escrita, impossível não se sentir um pouco neta de dona Antônia!

De menina falante a menina silenciada, Djamilá ao longo de suas crônicas, nos faz deslizar por um mar de emoções. Ao longo das 147 páginas, divididas em 34 temas-eixo, o universo segregado da mulher negra vai sendo desvelado e aos poucos vai mostrando a sua face preconceituosa e perversa.

Jogando na nossa cara o preconceito e escancarando o racismo estrutural que impera no Brasil, seus textos misturam reflexões sobre acontecimentos rotineiros- infelizmente, com vivências que, em uma trama de palavras, mistura-se a ficção e a realidade- quiser ser apenas uma ilusão, mas, não é. O racismo é real. E dói. E mata. Agathas morrem diariamente no Brasil sem a chance de se tornarem Marielles.

Já pelas "tantas", é provável que você já se sinta íntima dela, quase uma "amiga", dividindo conosco suas emoções... Então, ela nos conta que foi no final de sua adolescência, ao trabalhar na Casa de Cultura da Mulher Negra em sua cidade natal, que ela entrou em contato com autoras que a fizeram ter orgulho de suas raízes e não mais querer se manter invisível. E isso "cutuca" nossa ferida, abre nossa dor. Que silêncio é esse que impera nas mulheres negras? Que embranquecimento é esse que a essas mulheres é colocado como destino? Temos de superar o istmo que há entre as raças. E isso é urgente. É para agora, pra já, pra ontem! Vidas negras valem!

Felizmente, com o avançar da leitura, ela relata que encontrou alguns refúgio e que foi através dos livros e nas palavras escritas por outras mulheres (negras) que ela se conectou com sua raça, sua ancestralidade e sua força.

E como toda mudança, o deslocar, o deslizar de sentido nem sempre é fácil, implica um desconstruir para (re)construir-se, assim, Djamilá foi passando por revoluções internas, ancorando-se também nas letras de músicas de cantoras

como Aretha Franklin e Whitney Houston para se conectar com seu sagrado, com seu valor.

Assim, Djamira se volta para sua condição de mulher negra e a cada página que segue, ela questiona o lugar de fala, mas, sobretudo, nos faz pensar quem tem medo do feminismo negro. Ou melhor, porque a mulher negra assusta tanto.

Exemplos que ratificam as ações dos amendontrados, ou melhor, dos acovardados, não faltam! Os capítulos tratam desde o aumento da intolerância às religiões de matriz africana, aos ataques a mulheres negras como direcionados a jornalista Maju Coutinho ou tenista Serena Williams.

Ao longo de todo o livro, reflexões vão sendo tecidas, a cada crônica encontramos a falta do lugar da mulher negra em nossa cultura, ao passo que é exaltada a violência que atravessa os corpos negos, a violência simbólica do abafar, do calar e do silenciar as vivências negras.

Djamila diz que “ao negar a existência de fatos sociais e ridicularizar lutas históricas [dos negros] ao não dar voz a sua condição, compactua-se com a violência”, uma violência que não deixa marcas visíveis, mas, marcas na alma.

Em uma de sua crônica, intitulada “Nem mulatas do Gois nem dentro de Grazi Massafera” ela explica o termo “mulata” que vem do híbrido, cruzamento de “espécies” e que é tão amplamente usado durante o carnaval e também na denominação de elogio a mulher negra, que tem nesse termo enraizado anos de escravidão e que sendo usada no nosso cotidiano parece ser algo intrínseco ao vocabulário, mas, nada mais é que um insulto, um exemplo que faz refletir sobre como coisas que parecem comuns e que repetidas não são necessariamente as corretas. Djamila, de forma subentendida, diz não a “gradação da negritude” e nos mostra que se “auto intitular” de preto é um ato político.

Como ela mesma diz, seu empoderamento enquanto mulher negra foi um processo (e ainda é), que é fruto de inspirações de muitas mulheres que se

posicionaram como negras, status este que hoje, confere a Djamila um papel de referência a todas nós, negras e não negras.

De forma empática e extremamente sensível, ela fez da militância a sua vida e segue dividindo suas reflexões e ideias com todos nós, nos convidando a lutar por espaço de fala. Engana-se quem pensa que seus textos tratam de feminismo, apenas. Sua luta é por direitos, diretos humanos e para os humanos. Negos ou não.

Assim, este deve ser um livro de cabeceira, em que a cada dia lê-se um capítulo, cujo foco é reflexão necessária sobre empatia, sobre se colocar no lugar do outro, sobre aprender com a história e buscar mudanças, sobre enxergar os preconceitos e a desigualdade de oportunidades a que diferentes grupos são submetidos, sobre enfrentar os silêncios institucionais para que através da visibilidade possa-se ampliar esse lugar de fala, como citou recentemente a autora na revista Carta Capital "O Feminismo negro não exclui, amplia". Que a semente fecunde e amplie em nós.

Marielle, presente e viva em cada um de nós!

## Referências

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.